



OS JOVENS INFRADORES DO CASEM E A ALEGORIA DA CAVERNA DE PLATÃO

Luiz Antônio Pinto Cruz¹

GT 1 – Educação de Crianças, Jovens e Adultos

RESUMO

Este trabalho investigativo objetiva compartilhar a experiência do projeto a Alegoria da Caverna, de Platão, com os jovens infratores da Comunidade de Atendimento Socioeducativo Masculino (CASEM). Por meio da modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA), desenvolveu-se, então, o projeto pedagógico, com formato singular, e sequência de estratégias de aprendizagem visando à compreensão dos principais conceitos sobre o mundo filosófico grego, como também o desenvolvimento de leituras marginais da contemporaneidade. Primeiramente, utilizou-se o filme A Vila (2004) como recurso didático, pois a cultura visual ajudou a ilustrar abstrações platônicas. Em segundo lugar, os alunos entraram em contato com o clássico Alegoria da Caverna, uma metáfora elaborada por Platão e contida em sua obra A República. No avançar da discussão, sempre se fazia conexão entre as ideias do filósofo e as cenas do referido filme, estratégia certa que ajudou na ambientação do projeto pedagógico. Terceiro, aula lúdica comparando os alunos da CASEM com os prisioneiros da caverna, o que gerou impactos e surpresas. E por fim, aplicação de questionários com o intuito de perceber os níveis de aprendizagem.

Palavras-chave: Alegoria da Caverna. CASEM. EJA. Jovens infratores. Sergipe.

ABSTRACT

This investigative work aims to share the experience of Plato's Allegory of the Cave project with young offenders from the Comunidade de Atendimento Socioeducativo Masculino (CASEM). Through the Educação de Jovens e Adultos (EJA) modality, the pedagogical project was then developed, with a unique format, and a sequence of learning strategies aimed at understanding the main concepts about the Greek philosophical world, as well as the development of marginal readings of contemporaneity. First, the film A Vila (2004) was used as a didactic resource, as visual culture helped to illustrate Platonic abstractions. Second, the students came into contact with the classic Allegory of the Cave, a metaphor elaborated by Plato and contained in his work The Republic. As the discussion progressed, a connection was always made between the philosopher's ideas and the scenes in the aforementioned film, a sure-fire strategy that helped in the setting of the pedagogical project. Third, a playful class comparing CASEM students with cave prisoners, which generated impacts and surprises. And finally, application of questionnaires in order to understand the levels of learning.

Keywords: Allegory of the Cave. CASEM. EJA. Young offenders. Sergipe

¹ É graduado em História Licenciatura pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), mestre e doutor em História Social pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), professor da rede privada e da SEDUC/DR-8. E-mail: historiasdomar@gmail.com.

INTRODUÇÃO

“A saída da caverna é pra ver, conhecer quem somos. Com conhecimento nós têm tudo”.
Aluno H.

Há uma escola em pleno funcionamento dentro da Comunidade de Atendimento Socioeducativo Masculino (CASEM), localizada no Conjunto Marcos Freire I, em Nossa Senhora do Socorro – SE. Desenvolve-se ali a modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA), ofertada pela Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura (SEDUC) na unidade administrada pela Fundação Renascer, vinculada à Secretaria de Estado da Inclusão Social, da Assistência Social e do Trabalho (SEIT). Dentro da CASEM funciona uma extensão do Colégio Estadual Professor Antônio Fontes Freitas, a segunda maior escola da rede estadual de ensino, em número de alunos.

Com forte investimento público e privado, o município de Nossa Senhora do Socorro passou por um intenso processo de urbanização desde os anos de 1990. Hoje, com vida econômica própria, nem lembra mais a outrora cidade dormitório à sombra de Aracaju. As transformações locais também perpassam o âmbito educacional em instituições modelos, a título de ilustração, pode-se citar como exemplo, a CASEM.

Fotografia 1 – Entrada da CASEM



Fonte: Disponível em < <https://www.se.gov.br/noticias/Inclus%C3%A3o%20Social/retorno-aos-estudos-motiva-adolescentes-socioeducandos-da-casem>> Acesso em 7 mai. 2021

Nas palavras do diretor, Rodrigo Silva (2019), “nada é mais importante para os meninos que estão aqui cumprindo as medidas socioeducativas do que a inserção em sala de

aula. Além do conhecimento intelectual, eles terão uma oportunidade”. A maioria dos alunos se afastou da vida escolar devido a várias problemáticas socioeconômicas. E continua o diretor: “todos os 84 adolescentes estão matriculados e estudando, e tenho certeza que eles irão valorizar isso. Com o conhecimento adquirido em sala de aula, eles poderão retornar ao convívio em sociedade de uma forma mais digna”.

Considerada uma das unidades-modelo do Brasil e da América Latina, a CASEM foi construída dentro dos padrões jurídicos mais modernos para o cumprimento de medidas socioeducativas. A divisão dos alojamentos abriga 12 adolescentes em residências com quartos individuais e 84 adolescentes nas residências com quartos duplos. Cada residência é chamada de casa. A estrutura ainda conta com salas de aula e oficina, auditório, centro ecumênico, quadra poliesportiva e anexos, oito alas, refeitórios climatizados, área de convivência para visitas e enfermaria.

Educar alunos em conflito com a lei é uma tarefa educacional complexa, desafiadora e necessária. A escola procura zelar para que não sofram nenhum tipo de constrangimento, desenvolvam habilidades educacionais e repensem a sua história. A escola também luta pelo esperar e recomeçar, promovendo ações pedagógicas individuais e coletivas. Para tanto, cada professor, dentro de sua ciência, desenvolve ideias plurais e ações cidadãs com o intuito de criar um ambiente de ensino-aprendizagem, um desafio dentro de um lugar tenso e cheio de regras de segurança.

Fotografia 2 – Corredor de acesso às casas



Fonte: Disponível em < <https://www.se.gov.br/noticias/Inclus%C3%A3o%20Social/retorno-aos-estudos-motiva-adolescentes-socioeducandos-da-casem>> Acesso em 7 mai. 2021



O Ministério Público, então, em parceria com a SEDUC, cria condições, de fato, para o desenvolvimento da educação ressocializadora. De acordo com as análises de Bianca Bibiano (2011), tanto a Constituição Federal de 1988 quanto o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) prevêm:

“A aplicação de medidas socioeducativas a jovens autores de atos infracionais. Elas são atribuídas a adolescentes entre 12 e 18 anos e podem ser cumpridas em meio aberto (com uma advertência, a obrigação de reparar o dano, a prestação de serviços à comunidade e a liberdade assistida) ou em meio privativo de liberdade (na semiliberdade ou na internação). Apesar de não serem compreendidas como penas e apresentarem caráter predominantemente educativo, elas obrigam o adolescente ao seu cumprimento, sujeitando-o, inclusive, às sanções previstas no ECA. Isso significa que, se ele está cumprindo uma medida em meio aberto e comete algum ato infracional, pode ser encaminhado para internação ou ter um prolongamento da medida”.

A Constituição Cidadã voltou os seus olhos aos jovens autores de atos infracionais. Na CASEM, por exemplo, eles vivem internados, ou seja, privados de sua liberdade. É preciso repensar a cultura punitiva e entender o que transformou o “adolescente” em “jovem infrator”. De acordo com o artigo 228 da Constituição Federal, “são penalmente inimputáveis os menores de dezoito anos, sujeitos às normas da legislação especial”. Para Ana Maria Assis de Oliveira (2016), este texto constitucional traz consigo, o compromisso da criação de uma nova norma, que respeitasse a condição de formação desses seres humanos que, por um ato de fragilidade, por drogadição, abandono familiar ou miséria, cometem atos infracionais, tantas vezes, por falha do próprio sistema ao qual são submetidos pelo Estado.

Fotografia 3 – Interior da casa com duas camas



Fonte: Disponível em < <https://www.se.gov.br/noticias/Inclus%C3%A3o%20Social/retorno-aos-estudos-motiva->

adolescentes-socioeducandos-da-casem> Acesso em 7 mai. 2021

Nas escritas, desenhos e falas dos alunos na CASEM, são perceptíveis traços da linguagem praticada pela marginalidade, e, também, o sentido de invisibilidade e exclusão social. Eles carregam estigmas sociais do tipo: “aviãozinho”, “bandido”, “marginal”, “delinquente”, “traficante”, “trombadinha” ou “criminoso”. De certo, a CASEM precisava ter uma EJA singular, com temáticas próprias, que se encaixem na realidade periférica do seu alunado.

O aluno D manifestou artisticamente como é a vida no interior da CASEM. Quando entregou o desenho revelou dramas familiares, pensamentos confusos e apego à religiosidade. Na verdade, a arte apresentada é um autorretrato, pois expôs a sua visão de mundo. Percebe-se nela detalhes reveladores. O olhar mira para a frente, como se quisesse falar com quem segura o desenho. O sombrear das grades não foi capaz de apagar o brilho do ser vivente. Se por um lado o torso nu revela altivez, por outro, ocorre a sucessão de lágrimas, a fragilidade. Não se sabe ao certo o que realmente incomoda se é o presente trancafiado ou o passado de crimes. Contudo, o aluno D concede algumas pistas ao escrever no canto esquerdo do seu desenho: “preciso de mais 1 chance”. Ele pensa no amanhã, no futuro, enfim, quer uma nova chance.

Fotografia 4 – **A alma adolescente encarcerada**



Fonte: Acervo de Luiz Antônio Pinto Cruz. 2021.

Por meio do desenho é possível tanto adentrar o quarto de sua casa quanto o desejo latente de sair dali. Ao expor o drama pessoal, o que quer é “entrar na mente” do observador externo. Contudo, é possível encontrar sinceridade na arte do aluno D? A bandidagem é realmente um caminho sem volta? Para a opinião pública, os jovens infratores trazem em si a natureza do mal, da perversidade e do crime, como se jamais conseguissem mudar a sua índole. Como se a história deles fosse engessada e girasse em torno de crimes, um após outro. Em sentido oposto, a educação ressignificada faz pensar estratégias visando à ressocialização plena do indivíduo.

SUJEITO PERIFÉRICO: EDUCAR PARA A RESSOCIALIZAÇÃO

Como engajar os jovens infratores em atividades lúdico-pedagógicas? O que significa estar em conflito com a lei? Ressocialização: utopia, romantização ou possibilidade? De que maneira desenvolver etapas didáticas impactantes visando ao entendimento coletivo da Alegoria da Caverna? É possível associar os elementos alegóricos com a vida escolar deles? Então, como fugir das trevas da ignorância, do crime e da reincidência? A luz transformadora da alegoria estaria dentro ou fora da CASEM? Como estabelecer conexões entre a filosofia de Platão e os jovens em conflito com a lei? A transformação dos “sujeitos periféricos” em “filósofos das quebradas”, significa reconhecer os cidadãos de direitos que eles são. A fotografia a seguir mostra o interior da casa e suas imagens televisivas.

Fotografia 5 – Imagens televisivas prendem a atenção dos alunos presos.



Fonte: Disponível em < <https://www.se.gov.br/noticias/Inclus%C3%A3o%20Social/retorno-aos-estudos-motiva-adolescentes-socioeducandos-da-casem> > Acesso em 7 mai. 2021

Primeiramente, foi preciso identificar o aluno, seu nome, sua história, seu lugar e sua fala. O jovem infrator tem uma linguagem periférica própria: “bagulho”, “check”, “parça”, “pé embaixo”, “pegou a ideia?”, “pegou a visão”, “roba brisa”, “tá ligado?”, “só”... é o jeito de falar do mundo marginal. A maioria deles tem tatuagens e trata a violência com banalidade. Os sons das “quebradas” ressoam nas suas cabeças e aliviam a internação. Além de cidadão de direitos, o aluno da CASEM, como já foi dito, é um sujeito periférico. De acordo com Marcelo Marques (2020), “aquele bagulho [a filosofia] não pode ficar só naqueles velinhos barbudos elitistas cheios de dinheiro, que vão fazer um doutorado na gringa”. A favela também pode ter acesso à filosofia.

Fotografia 6 – Atividade escolar na sala



Fonte: Disponível em < <https://www.se.gov.br/noticias/Inclus%C3%A3o%20Social/retorno-aos-estudos-motiva-adolescentes-socioeducandos-da-casem> > Acesso em 7 mai. 2021

Em segundo lugar, as estratégias de aprendizagem foram debatidas, (re)pensadas e estruturadas nas reuniões pedagógicas do corpo docente da EJA, lotados na Diretoria Regional de Educação (DR-8), da SEDUC. Em seguida, as etapas do projeto pedagógico foram aplicadas: 1- Apresentação sobre o filme A Vila (2004), seguida por um debate; 2 – Análise dos Diálogos de Platão (427 - 347 a. C), filósofo grego nascido em Atenas, discípulo de Sócrates que apresenta através da Alegoria da Caverna, uma reflexão acerca da realidade que conhecemos e o que de verdade ela é; 3 – Comparação da vida dos alunos dentro da CASEM com o texto de Platão e apresentação de um questionário.



A CASEM tem 84 alunos distribuídos em duas turmas da EJAEFI¹, quatro turmas do EJAEFII² e três da do EJAEM³ (ano letivo de 2021). Contudo, devido às orientações do protocolo sanitário da SEDUC, a aplicação do projeto teve que se adequar à realidade interna, dispersando os alunos dentro do espaço amplo do auditório ou da quadra de esporte. Os dez professores formaram duplas ou trios e aplicaram as etapas em turnos opostos. Além disso, para evitar a circulação de pessoas, cada equipe docente apadrinhou duas casas. Outra adequação, os colegas de aula não eram os da mesma série, mas os companheiros de confinamento. Em virtude disso, o nível de entendimento variou de casa para casa, de aluno para aluno.

Tudo começou com a exibição do filme *A Vila*. O estranhamento inicial no auditório deu lugar à curiosidade, pois o drama do enredo despertou a curiosidade coletiva e fez pensar em diversos aspectos da vida. Com o avançar das imagens, os alunos gradativamente se apropriaram dos principais símbolos da Alegoria da Caverna sem saber. A análise do filme, por meio da cultura visual, era a referência estratégica para eles “pegarem a visão” dos princípios filosóficos-básicos.

A Vila é uma comunidade campestre no século XIX, cercada por uma floresta densa e obscura, que a isola do mundo civilizado. Nenhum morador pode sair das suas fronteiras. Primeiramente, por ser uma regra imposta pelos anciãos e, em segundo lugar, porque a floresta circundante é habitada por “Aqueles-de-Quem-não-Falamos”, ou seja, criaturas assustadoras e malignas, que atacam os que invadem a mata. Na trama do filme há histórias dramáticas e muros simbólicos, que fazem da Vila uma verdadeira prisão. Crianças e jovens percebem a limitação do seu universo e alguns até se arriscam a ultrapassar a floresta, mas a pedagogia do medo os prende em seu microcosmo. Visando a proteção da coletividade, a fronteira com a floresta é demarcada com a cor amarela, pois espanta o mal. Por outro lado, o vermelho – “a cor ruim” – atrai os monstros da floresta. O enredo final é repleto de reviravoltas, revelações e heroísmo. Ivy, a filha cega de Edward Walker, é a que mais enxerga a aura profunda da Vila, das pessoas e dos seus sentimentos.

Esta situação paradoxal permite estabelecer vínculo com outro mito da Grécia Antiga. Na tragédia “*Édipo Rei*”, o célebre autor grego Sófocles introduz um personagem crucial para explicar a teia de atribulações que cercam Édipo. O intrigante personagem é

¹ Educação de Jovens e Adultos do Ensino Fundamental I.

² Educação de Jovens e Adultos do Ensino Fundamental II.

³ Educação de Jovens e Adultos do Ensino Médio.



Tirésias, um profeta cego de Tebas. De acordo com a análise de Gerson Luís Trombetta:

Além do peso da idade e suas naturais limitações, Tirésias é cego. Mas isso não o impede de “ver”; afinal, ele é um “vidente”. Temos aqui uma intrigante configuração: Tirésias é um “vidente cego”. Isso significa que os conteúdos de verdade que Tirésias dispõe e que “esclarecem” as etapas da vida (e do destino) de Édipo, não são conteúdos “visuais”, não são conteúdos que possam ser capturados pela “unilateralidade do sujeito que olha”. Quem não enxerga é Édipo, apesar de ter os olhos em funcionamento pleno. A figura tirésica afronta uma tendência alimentada na cultura ocidental de que a verdade se funda no “olhar”, numa supremacia da visão sobre os outros sentidos, confirmada na expressão: “só acredito, vendo!”. A “lógica do olhar” está muito próxima da lógica teórica, mediada por um sistema simbólico estável e denotativo. É a lógica da teoria tradicional do conhecimento, que vê na ciência a sua expressão mais acabada. (2016, p. 3)

A presença de um “vidente cego” no interior da obra de Sófocles, como portador da verdade e onde se deposita a esperança de Tebas, é um manifesto sobre as potencialidades dos meios não diretamente ligados à “lógica do olhar” como instâncias de produção e transmissão de conhecimentos. Se por um lado, o velho advinho previu que Édipo (filho de Laio) iria se apaixonar por Jocasta (esposa de Laio e mãe de Édipo). Por outro, no filme A Vila, a jovem Ivy conseguiu se libertar de sua “caverna de Platão”, com a diferença que não será assassinada ao regressar do mundo exterior, como no referido mito.

De acordo com o filósofo Platão, o único mundo não ilusório é o mundo das ideias. Esse mundo do lado de fora da caverna tem as formas ideais, diferente de tudo o que os moradores da caverna conheciam baseados na experiência de sombras imperfeitas. Deste modo, eles não tinham um conhecimento genuíno da realidade, que é a externa. Essas pessoas presas na caverna não são muito diferentes dos habitantes da Vila.

Como os alunos da CASEM se apropriaram da Alegoria da Caverna? A aplicação do questionário representou a etapa final do processo. À luz do Projeto de Vida, da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), procurou, por um lado, avançar na abordagem do projeto e, por outro, complexificar a leitura dos alunos. Isto é, interpretar a tríade: ato criminal – autorreflexão – ressocialização. Convém assinalar que, metodologicamente, esta pesquisa educacional fez uso de pseudônimos, como forma de preservar a identidade dos nossos estudantes. Eis alguns questionamentos e respostas:

Quadro 1 – Aplicação de questionário

REFLEXÕES SOBRE A ALEGORIA DA CAVERNA	RESPOSTAS DOS ALUNOS DA CASEM
Quem são os prisioneiros?	<p>“Nós”, aluno A.</p> <p>“A humanidade”, aluno B.</p> <p>“São seres humanos, que somos nós”, aluno C.</p> <p>“Prisioneiro sofre demais. Nois tá pagando que nois cometeu. Pra botar juízo no lugar”, aluno D.</p> <p>“Nossos atos infracionais”, aluno E.</p>
O que é a Caverna?	<p>“A nossa cabeça”, aluno B</p> <p>“Tudo aquilo que nos aprisiona”, aluno F</p> <p>“Um lugar escuro e silencioso”, aluno G</p>
O que são as sombras e os barulhos?	<p>“São os pensamentos de nossa mente”, aluno B</p> <p>“A ilusão!”, aluno F</p> <p>“É nossa mente. Que nos pede uma ilusão imaginária”, aluno G.</p>
O que significa a saída da Caverna?	<p>“Quando as pessoas se liberta das coisas ruins”, aluno B.</p> <p>“A libertação”, aluno F</p> <p>“Liberdade, uma vida com sonhos”, aluno C.</p> <p>“Viver uma nova vida”, aluno G.</p> <p>“A saída da caverna é pra ver, conhecer quem somos. Com conhecimento nós tem tudo”, aluno H.</p> <p>“Uma nova vida”, aluno A</p>

Fonte: Organizado por Luiz Antônio Pinto Cruz, 2021.

Estas e outras respostas ajudaram a perceber como alunos do Ensino Fundamental entenderam o caminho científico trilhado e conseguiram chegar a um patamar mais autorreflexivo. A CASEM, embora pareça, não é a Caverna, como pensada por Platão. Os alunos, em sua maioria, entenderam que no mundo lá fora, existem pessoas aprisionadas sem grades ou algemas, iludidas na contemporaneidade, seja com a televisão, com as redes sociais ou aplicativos.

Além de ensinar e aprender, a escola da CASEM possui como foco primordial a ressocialização, ou seja, a preparação para a liberdade. Com vistas a isso, os alunos desenvolveram várias tarefas. Em um dos momentos do projeto, perguntou-se: - o que mudar quando sair daqui? Havia, entre eles, um claro entendimento de certo e errado, dentro e fora, crime e justiça. Sair da CASEM, infelizmente, não significa sair do crime, ou seja, segue aprisionado no fundo da Caverna.

Deste modo, prepara-se o caminho, mas a caminhada é de responsabilidade de cada aluno em suas escolhas. Com perspicácia, assim se posicionaram de forma arguta e ponderada:

Quadro 2 – Aplicação filosófica ao Projeto de Vida/BNCC

QUANDO VOCÊ SAIR DA CASEM, O QUE DEVE MUDAR EM VOCÊ?
“O meu temperamento”, aluno B.
“Os pensamentos de melhorar de vida. Esperança ainda existe. Sair daqui e sair regenerado com pensamento de fazer o bem”, aluno C.
“Não praticar as mesmas coisas e viver em paz”, aluno G.
“Minha vida. Minha história do passado. Minha mente”, aluno H.
“Minha mente e minhas atitudes”, aluno I.
“Vou deixar pra trás o que eu já fiz e recomeçar do zero”, aluno J.
“O modo de agir e pensar”, aluno A.
“Representa a luz do sol. Ficar perto da minha família”, aluno E.

Fonte: Organizado por Luiz Antônio Pinto Cruz. 2021.

A leitura das repostas aponta para vários caminhos interpretativos. Que filosofar sobre a alegoria da Caverna significou desenvolver uma reflexão que se faz acerca de si próprio, tendo em conta as suas formas de agir, pensar e sentir. De certo, as atividades do EJA não representam o fim, mas o caminho. Ao caminhar do cumprimento da pena em reclusão, o aluno precisa desenvolver a convicção de não seguir mais uma vida de crimes. Bem como, que o momento tão esperado de se ter uma nova chance e recomeçar a vida, não acontece quando o juiz autoriza a liberação ou quando os portões da CASEM se abrem, mas quando se desenvolvem ações educacionais de conscientização. É dentro da escola que a liberdade é construída.

Que a violência juvenil praticada fora dos muros da escola seja repensada e revertida em mudança de postura cá dentro na escola. Evidentemente, recomeçar é um processo difícil, mas é um desafio e também um direito. A mudança de postura também requer a Prefeitura de Nossa Senhora do Socorro atuante e preocupada com o socorrense, a educação e os direitos humanos. Cabe à escola também conscientizar a sua comunidade e os moradores dos conjuntos habitacionais circundantes.

O mundo do crime, que trouxe os jovens para dentro da CASEM, foi gerado por várias problemáticas histórico-sociais. Resignificar a vida criminosa por meio da escola, aponta para o esforço interdisciplinar na mudança de paradigmas. Sem dúvidas, os tempos de barbárie animalésca da FEBEM - Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor⁴ ficaram para trás. Ainda se busca uma ressocialização mais eficaz, um material pedagógico mais adequado, enfim, uma outra história de esperança. Dessa forma, que a entrada e a saída na Vila e na Caverna de

⁴ Criada em 1976 para atender jovens em conflito com a lei, durante décadas a Febem foi palco de levantes e alvo de denúncias que ganharam o noticiário nacional e internacional entre o fim da década de 1990 e início dos anos 2000.



Platão ajude aos alunos a refletir sobre a saída da CASEM. Ser cidadãos de direitos, não é uma utopia ou romantização, mas uma conquista da dignidade humana no desenvolvimento de uma educação plena, justa e transformadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância da reinserção social de jovens que entraram em conflito com a lei pela via da educação representa nitidamente uma saída da Caverna. Afinal, como os alunos entenderam o que significava a “luz” na alegoria? Assim responderam: “É a Esperança, que vive dentro de nós, pra fazer a melhora na nossa vida”, argumentou aluno C. Para o aluno J, “é ter o conhecimento das coisas, conhecimento da vida”. Já aluno D considerou que “a luz do tempo é a alegria pra família que já sofreu demais! Muita coisa pra resolver!”. Aluno B filosofou: “é o conhecimento professor, de saber que era tudo ilusão”. Já o aluno G, por fim, disse que a luz “é o conhecimento lá fora da Caverna”.

Nessa via de mão dupla de dentro para fora e vice-versa, cria-se uma leitura de mundo e uma identidade filosófica. Os alunos entenderam a alegoria por meio da linguagem periférica, formada por gírias, ressentimentos e jargões populares. Traduziram ideias filosóficas que marcam época e moldam a forma de pensar em sociedade. Um moldar pedagógico copernicano, uma epistemologia das inversões, ou seja, que trouxe a margem para o centro. Há diferentes sentidos em cada etapa do projeto, transformando a sala de aula em um laboratório de experiências pedagógicas.

Nesta experiência singular, os alunos se depararam com várias cavernas: a filosófica, a da Vila, a da casa onde moram, a da mente criminosa e a das ilusões de desejo. Se por um lado, o foco central do filme A Vila é a invenção de uma comunidade, pautada na reclusão, na mentira e na pedagogia do medo, por outro, a CASEM se ampara na lei, evidências educativas e cientificidade jurídica. Trazer a Alegoria da Caverna de Platão para jovens infratores significou estabelecer paralelos entre a Antiguidade Clássica e o mundo contemporâneo, com foco na ressocialização. A filosofia, por si só, é uma riqueza de sabedoria, ou como disse aluno B, “é da hora professor”.



REFERÊNCIAS

A **VILA** (The Village). USA. 1h 48min . Fantasia//Suspense. Colorido. 2004.

A **ALEGORIA** da Caverna: A Republica, 514a-517c .In: MARCONDES, Danilo. **Textos Básicos de Filosofia: dos Présocráticos a Wittgenstein**. 2a ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

BIBIANO, Bianca. **Escolas mostram como recebem jovens infratores**. 2011. Disponível em: <<https://gestaoescolar.org.br/conteudo/444/escolas-mostram-como-recebem-jovens-infratores>> Acesso em: 09 mai. 2021.

BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL, **Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm>. Acesso em: 18 set. 2015.

CRUZ, Luiz Antônio Pinto. *O Despertar da Cor na Cidade Dormitório! O papel dos negros na história do Vale do Cotinguiba. Projeto Pedagógico do Colégio Estadual Professor Antônio Fontes Freitas*. Nossa Senhora do Socorro/SE. 2018.

DÁVILA, Sérgio. A Vila é metáfora do medo oficial da Era Bush. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 3 de set.2004. Folha Ilustrada.

MARQUES, Marcelo. **Filosofia na quebrada: estudante usa gírias para democratizar ideias de grandes pensadores**. 2020. Disponível em: <https://cultura.uol.com.br/noticias/9882_estudante-de-historia-e-youtuber-jovem-explica-conceitos-da-filosofia-com-linguagem-periferica.html> Acesso em: 05 jun. 2021.

OLIVEIRA, Ana Maria Assis de. Adolescente infrator e as garantias fundamentais do cidadão em situação peculiar de desenvolvimento. Disponível em: https://ambitojuridico.com.br/edicoes/revista-149/adolescente-infrator-e-as-garantias-fundamentais-do-cidadao-em-situacao-peculiar-de-desenvolvimento/#_ftn1. Acesso em: 7 mai. 2021.

SILVA, Rodrigo. **Entrevista**. 2019. Disponível em <<https://www.se.gov.br/noticias/Inclus%C3%A3o%20Social/retorno-aos-estudos-motiva-adolescentes-socioeducandos-da-casem>> Acesso em: 7 mai. 2021.

TROMBETTA, Gerson Luís. As “visões” de Tirésias: arte, música e compreensão. **Per Musi**. Belo Horizonte: Editora da UFMG. 2016, n.35, p.1-14.

ZACCARO, Nathália. **Audino: um pensador para becos e vielas**. 2020. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/trip/audino-um-pensador-para-os-becos-e-vielas> > Acesso em: 10 mar. 2021.